

O OBJETO ENTRE LACAN E WINNICOTT: PARA ALÉM DO SOLIPSISMO NA TEORIA E CLÍNICA PSICANALÍTICA

Thais Klein*

RESUMO

O artigo propõe cotejar diferenças e semelhanças de determinadas concepções atribuídas à noção de objeto na psicanálise pós-freudiana. Destacam-se a discussão de dois psicanalistas que tomam a noção de objeto, a partir de Freud, como um aspecto central em seus trabalhos: Lacan e Winnicott – principalmente no que concerne ao objeto *a* e ao objeto transicional. Ressaltam-se as ressonâncias dessas concepções de objeto para a noção de sujeito e para a experiência analítica, deixando entrever a importância para a psicanálise contemporânea de promover um diálogo entre as diferentes escolas.

Palavras-chave: Objeto; Freud; Winnicott; Lacan; Psicanálise.

THE OBJECT BETWEEN LACAN AND WINNICOTT: BEYOND SOLIPSISM IN PSYCHOANALYTIC THEORY AND CLINIC

ABSTRACT

*The article proposes to share differences and similarities of certain conceptions attributed to the notion of object in post-Freudian psychoanalysis. The discussion of two psychoanalysts who take the notion of object, from Freud, as a central aspect in their works: Lacan and Winnicott – especially regarding object *a* and the transitional object. The resonances of these object conceptions for the notion of subject and analytical experience are emphasized, leaving to see the importance for contemporary psychoanalysis of promoting a dialogue between the different schools.*

Keywords: Object; Freud; Winnicott; Lacan; Psychoanalysis.

* Psicanalista, doutora em Saúde Coletiva (IMS-UERJ) e doutora em Teoria Psicanalítica (PPGTP-UFRJ). Professora adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF-CURO) e professora do programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (UFRJ). Coordenadora do NEPECC (UFRJ-IPUB).

L'OBJET ENTRE LACAN ET WINNICOTT: AU-DELÀ DU SOLIPSISME DANS LA THÉORIE ET LA CLINIQUE PSYCHANALYTIQUE

RÉSUMÉ

L'article propose de comparer les différences et les similitudes de certaines conceptions attribuées à la notion d'objet dans la psychanalyse post-freudienne. Il met en avant la discussion de deux psychanalystes qui prennent la notion d'objet, à partir de Freud, comme un aspect central dans leurs travaux : Lacan et Winnicott, principalement en ce qui concerne l'objet a et l'objet transitionnel. Il souligne les résonances de ces conceptions de l'objet pour la notion de sujet et pour l'expérience analytique, laissant entrevoir l'importance pour la psychanalyse contemporaine de promouvoir un dialogue entre les différentes écoles.

Mots-clés: Objet ; Freud ; Winnicott ; Lacan ; Psychanalyse.

INTRODUÇÃO

A maior parte dos que iniciam os estudos em psicanálise, num momento ou noutro de sua trajetória, vem a experimentar uma curiosa sensação de vertigem. Um dos impulsionadores dessa sensação, descrita por Mezan (2019), é a derrocada da esperança em formar um quadro coerente da teoria psicanalítica: os psicanalistas não falam a mesma língua. Não é impossível que, diante da dificuldade dessa espécie de Torre de Babel, para usar uma expressão utilizada por Green (2017), recorra-se ao procedimento de reduzir ao mínimo denominador comum as diferentes maneiras de definir determinados conceitos e de operacionalizá-los – provavelmente, coincidente com a perspectiva de um autor eleito como o verdadeiro leitor de Freud. Para Birman (2014), a dinâmica dos debates entre os supostos paradigmas psicanalíticos se ancora frequentemente em uma posição soberana assumida por escolas ou instituições, que acaba por excluir determinadas perspectivas do campo da psicanálise em nome de uma leitura verdadeira.

É evidente que, diante de uma multiplicidade de questões abertas por Freud, os psicanalistas pós-freudianos escolheram determinados aspectos a serem privilegiados em suas teorizações. Esses caminhos, todavia, nem sempre conviveram pacificamente; a inflexão soberana a que se refere Birman (2014) consiste em um fator importante para a consolidação do período, compreendido sobretudo entre 1940 e 1970/75, conhecido como

“Era das escolas”. Neste, mantém-se uma espécie de compulsão à repetição, que se apresenta desde os primórdios do movimento psicanalítico: a exclusão de núcleos teóricos divergentes. Não à toa, seguindo as indicações de Kupermann (2020), o primeiro texto de Freud sobre a história da psicanálise, “A história do movimento psicanalítico” (Freud, 1914/1996), é marcado justamente pela querela entre Freud e Jung. O uso de metáforas bélicas indica uma ruptura no movimento psicanalítico, engendrando um retorno transferencial para Freud, isto é, a demarcação de um caminho único da “verdadeira” teoria psicanalítica (Kupermann, 2020). Inaugura-se, assim, uma forma de conceber a história da psicanálise que acentua suas rupturas internas e destaca os movimentos de retorno a Freud. Não é por acaso que Green (2017) assinala que a psicanálise pós-freudiana foi marcada por uma dificuldade de fazer o luto da morte de Freud e pela tentativa de eleger uma figura que ocupasse um lugar semelhante, isto é, um novo pai. Diante desse contexto, o autor aponta a importância de permitir “uma circulação mais desimpedida entre os diversos quadrantes do universo psicanalítico” (Green, 2017, p. 54).

Esse caminho se desdobra em um dos objetivos da chamada “era pós-escolas”, período situado de 1975/1980 até hoje e que, segundo Green (2017), divide a psicanálise em dois rumos. O primeiro segue como um prolongamento das escolas; já um segundo procura promover um diálogo entre elas, aproximando-se do projeto de uma psicanálise contemporânea. Sob este viés, nota-se um esforço no sentido da possibilidade de ser poliglota, contemplando a multiplicidade de dialetos criados, partindo da base freudiana e promovendo um diálogo, com evidentes limites. Trata-se de tentar caminhar na direção oposta da Torre de Babel, partindo do solo comum ancorado na obra freudiana.

Diante desse quadro, é evidente que uma série de conceitos freudianos foi lida de diferentes formas pelas escolas – a metapsicologia consiste em um campo de disputa. Nesse contexto, o estatuto fornecido ao conceito de objeto foi uma problemática nodal de separação entre as escolas, ao ponto de ser possível designar um guarda-chuva mais amplo que abrigaria “teóricos das relações objetais” – tais como Melanie Klein, William Fairbairn, dentre outros. O protagonismo da noção de objeto é sustentado, sobretudo, na sua centralidade metapsicológica e indissociabilidade em

relação a outros conceitos, além de uma implicação direta na concepção da clínica psicanalítica. Inspirando-se no exercício proposto por Green (2017), de intentar ser políglotas entre os dialetos psicanalíticos, este artigo tem como objetivo cotejar diferentes concepções atribuídas à noção de objeto na psicanálise pós-freudiana. Longe de se tratar de um exercício meramente teórico, a importância de traçar diferenças e aproximações entre determinadas concepções de objeto ao longo da história da psicanálise deixa entrever a sobreposição desta problemática, que comporta certa concepção de sujeito e encaminhamentos clínicos importantes.

Como ponto de partida, tronco dos outros dialetos possíveis na psicanálise, está a obra freudiana. É evidente que não será possível esgotar todos os aspectos da noção de objeto na sua obra, posto que, conforme aponta Green (2000), o objeto para Freud é “polissêmico, existe sempre mais que um objeto e, como um todo, eles cobrem vários campos e realizam funções que não podem ser abarcadas por um só conceito” (p. 9, tradução minha). Assim como acontece com outras noções centrais do ponto de vista epistemológico, também em relação à noção de objeto, Freud não chegou a estabelecer uma definição única e final em termos conceituais. Serão, portanto, destacados alguns aspectos que colaboram para a discussão de dois psicanalistas que tomam a noção de objeto como um aspecto central de suas obras: Winnicott e Lacan.

Antes de adentrar mais profundamente nas discussões empreendidas por estes, delinearemos brevemente o surgimento da chamada teoria das relações de objeto, sobretudo na direção de circunscrever o contexto diante do qual Lacan tece suas críticas e sua noção de objeto articulado à falta que, posteriormente, culminará no conceito de “objeto a”. É justamente em relação a este último que será possível traçar alguns encontros e desencontros entre o pensamento de Lacan e Winnicott no que concerne à problemática de objeto – principalmente acompanhando o caminho de Winnicott, ao circunscrever o conceito de objeto transicional. Desse modo, será possível promover um diálogo interessante entre as considerações de Winnicott e Lacan – correntes importantes da psicanálise contemporânea.

O estatuto do objeto na obra dos dois autores torna-se uma questão relevante na medida em que, conforme indica Souza (2002), a intenção – implícita em Winnicott e explícita em Lacan – comporta um ponto em

comum, a saber: ultrapassar certas estabilidades da concepção freudiana de objeto, que guarda restos da noção clássica da teoria da representação presentes na teoria pulsional. Por fim, a articulação entre a noção de objeto e certas concepções clínicas serão delineadas, revelando a importância de uma perspectiva pós-escolas. Intenta-se, dessa forma, promover um caminho contrário ao que Birman (2014) denominou de inflexão soberana de formação das escolas, que consiste em uma espécie de compulsão à repetição na própria história da psicanálise. Ao contrário, trata-se, aqui, de uma repetição que procura abrir espaço para a diferença – não seria esta uma das possibilidades do psicanalista e, por que não, do historiador da psicanálise?

FREUD E A NOÇÃO DE OBJETO

Utilizando-se dos recursos próprios da língua alemã para a formação de palavras, Freud apresenta em sua obra uma série de noções que anunciam a riqueza e a variedade do uso do objeto na construção de sua teoria. Assim, encontramos noções como *Objektwahl* (escolha de objeto), *Determinierung des Objektwahl* (determinação da escolha de objeto), *infantile Objektwahl* (escolha de objeto infantil), dentre inúmeras outras. Allan Compton (1986), por exemplo, indica que já nos primeiros escritos de Freud (concebidos por alguns como pré-psicanalíticos), o termo *objeto* aparece e contém diferentes acepções. Klatau (2002), por sua vez, afirma que, ao longo da obra freudiana, o objeto pode ser situado em relação à pulsão, ao narcisismo e à identificação. O fato de a noção de objeto estar articulado tanto à dimensão pulsional, quanto ao narcisismo e à identificação, revela que, muito embora haja o predomínio de uma perspectiva na qual os objetos são secundários à pulsão e se apresentam, sobretudo, como representações, é possível vislumbrar a referência tanto a um objeto dito “externo” quanto “interno” (Coelho Jr., 2001).

Por outro lado, é evidente que Freud (1915/2010, 1923/2011) introduz uma novidade, em termos de teorias clássicas da percepção, ao deixar aberta a possibilidade de percepções inconscientes. Nesta medida, permite que se postule o reconhecimento de que nenhuma percepção garante um acesso objetivo à realidade, não cabendo, assim, posicionamentos definitivos sobre a objetividade das percepções. As noções de interno e externo

que caracterizariam o objeto parecem não ter fronteiras tão definidas. A problemática da melancolia consiste em um exemplo elucidativo da permeabilidade entre a externalidade e a interioridade do objeto na obra freudiana. A impossibilidade de uma parcela do psiquismo em reconhecer a perda do objeto, insistindo em sua presença psíquica, revela a simultaneidade entre presença e ausência do objeto, cuja sombra caiu sobre o Eu, e o ultrapassamento dos limites da objetividade realizado por Freud.

Afinal, o objeto para Freud deve ser entendido como um objeto psíquico ou um objeto real, externo? Mais do que responder a essa questão, pretendemos tomar as formulações freudianas para além das tentativas de reduzi-las quer ao empirismo quer ao idealismo – ou seja, que concebem a exterioridade ou a interioridade como lócus privilegiado de acesso ao objeto. Trata-se de seguir uma lógica de suplementariedade em oposição à lógica identitária ou dialética, proposta por Figueiredo (1999), procurando enfatizar uma leitura que valoriza as tensões internas e as dificuldades próprias da construção da teoria em Freud. Assim, seria preciso reconhecer que Freud supõe um sujeito (pulsional) constituindo objetos, e, também, objetos (de identificação) constituindo o sujeito. É justamente na simultaneidade dessas duas perspectivas que será possível, após um percurso na obra freudiana, entrever os encontros e os desencontros da noção de objeto para Lacan e Winnicott e suas repercussões clínicas.

O OBJETO NA OBRA FREUDIANA E A SIMULTANEIDADE ENTRE EXTERNO E INTERNO

Quando se versa sobre o estatuto do objeto na obra freudiana, um ponto de partida frequente consiste na discussão empreendida no “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1895/1990) sobre a experiência primária de satisfação. Nesta, o objeto é simultaneamente encontrado e perdido, posto que a primeira experiência jamais será revivida. O encontro com o objeto produzirá uma marca que será reavivada alucinatoriamente e passará pelo teste de realidade, configurando-se como o modelo dos futuros (re)encontros com o objeto. De fato, para Freud, o primeiro objeto é o protótipo das futuras relações objetais, nas suas palavras: “não é sem boas razões que a criança a mamar no seio da mãe se tornou o modelo

de toda relação amorosa. A descoberta do objeto (*die Objektfindung*) é, na verdade, uma redescoberta” (Freud, 1905/2016, p. 143).

Essa frase, bastante conhecida, parece fornecer centralidade às marcas psíquicas, como via privilegiada de acesso aos objetos. Ou seja, os estímulos, ou, se quisermos, os “convites” que partem do mundo externo, desta perspectiva, tornam-se secundários ao encontro com o objeto, posto que as exigências da vida e, mais tarde, as exigências pulsionais e as marcas representacionais se configuram como palco central. Esta discussão será mais bem elaborada quando Freud circunscreve o conceito de pulsão, principalmente a partir de 1905 em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Considerando a teoria pulsional, Freud afirma que o objeto da pulsão é todo objeto no qual ou através do qual a pulsão consegue atingir seu alvo. O objeto, portanto, não é fixo, nem previamente determinado, é o que há de mais contingente no conjunto de elementos e processos presentes nos atos pulsionais. É curioso notar que o mesmo texto em que se introduz a variabilidade do objeto e o aspecto sempre parcial da pulsão foi também um ponto de partida importante para certa concepção de desenvolvimento psicosexual que inspirou, conforme veremos adiante, os trabalhos de Abraham (1924/1980) e Klein (1932).

Esse caminho ficará mais claro, principalmente, a partir do momento em que Freud passa a valorizar os objetos de identificação, ponto de partida para que outras questões sejam colocadas em relação ao estatuto do objeto na obra freudiana. Muito embora algumas prerrogativas sejam encontradas em escritos anteriores, é no contexto da discussão sobre o narcisismo que Freud (1914/2010) deixará aberta a porta para conceber diferentes formas de articulação entre o Eu e o objeto. Nesse contexto, são circunscritos os tipos narcísico e analítico de escolha objetual e, sobretudo, a possibilidade de o próprio ego ser investido como um objeto. No entanto, esse investimento é considerado secundário – Freud sustenta a hipótese de um narcisismo primário, herdeiro do narcisismo dos próprios pais, caracterizado como um estágio entre o autoerotismo e o investimento objetual propriamente dito. A discussão sobre o narcisismo primário foi um ponto importante para a questão do estatuto do objeto na psicanálise e suas diferentes interpretações. Seria o narcisismo primário um estado anobjetual? Ele precede a relação de objeto, ou o próprio objeto sustenta a possibilidade de um primeiro

investimento no Eu e sua constituição? Essas questões, deixadas em aberto por Freud, serão pontos centrais para os pós-freudianos, tais como Winnicott e Lacan. Ademais, a possibilidade de investimento libidinal no próprio Eu e a complexidade das articulações entre as pulsões e seus objetos deixa questões para o próprio dualismo pulsional sustentado entre as pulsões sexual e de autoconservação.

Além da concepção de investimento no próprio Eu, na qual este se torna um objeto libidinal, na obra de 1917, *Luto e melancolia*, Freud apresenta outras possíveis articulações. É justamente nesse texto que a noção de identificação tomará corpo. Isso porque, na melancolia, em função da perda de um objeto, o Eu se identifica com o objeto perdido – trata-se de uma dimensão da identificação na qual, conforme assinala a tão famosa citação de Freud (1917/2011), a sombra do objeto cai sobre o Eu, deixando mais nebulosas as fronteiras entre externo e interno. A tensão caracterizada pela ausência do objeto externo, acompanhada da presença psíquica do objeto, é fonte de grande sofrimento. A simultaneidade entre presença e ausência, a impossibilidade de uma parcela do psiquismo em reconhecer a perda do objeto, insistindo em sua presença psíquica, evidencia a complexidade da noção de objeto em uma teoria que procura justamente ultrapassar os limites da objetividade. Nesta formulação, Freud estabelece também que o objeto pode ter sua existência no psiquismo mesmo depois de não estar mais presente como objeto da percepção – esta noção jamais será a mesma para a psicanálise a partir da ênfase nas identificações como elemento central na constituição da subjetividade.

Embora predomine ao longo da obra a concepção do objeto como sendo endopsíquico, neste ponto, nota-se o esboço da ideia de sua introjeção através da identificação, principalmente da identificação primária, como elemento central na constituição da subjetividade. Freud passa pouco a pouco a considerar o ego como um precipitado de identificações, em que o modelo fundamental é a figura paterna. As identificações são entendidas como ocorrendo desde o início da vida e vão preparando o caminho para o Complexo de Édipo, pedra angular da constituição da subjetividade. Nesse contexto, embora exista a referência a um objeto externo (seio da mãe, o pai etc.) não há nenhuma garantia de que o objeto visado pelo desejo sexual seja o objeto externo real. Introjeta-se, em última instância, uma relação que passa

a produzir efeitos na cadeia de fantasias inconscientes. Nas identificações, a ênfase recairia muito mais sobre a relação entre um sujeito e os objetos do que nos termos de forma isolada. Assim, o sujeito criaria seu objeto da mesma forma que o objeto criaria o sujeito através de sucessivas articulações. Seria possível fazer uma articulação com o que o filósofo francês Merleau-Ponty (1945/1994; 1964/1992) denomina de processos de mútua constituição nas relações entre sujeito e objeto. Não há anterioridade entre sujeito e objeto, e também não há mais termos fixos, já constituídos. O que há é um processo permanente de mútua constituição. O objeto seria simultaneamente empírico e psíquico. É desse modo que a teorização freudiana acaba por constituir sua especificidade quanto à noção de objeto.

Diante desse quadro, é inevitável articular uma concepção de sujeito e de objeto. Se foi possível entrever a simultaneidade do estatuto do objeto na obra freudiana, sendo ao mesmo tempo interno e externo, o sujeito precisaria ser pensado como resultado da complexa intensidade dos movimentos pulsionais e das sucessivas identificações (possíveis também graças a uma presença “ativa” de objetos como a mãe, o pai etc.) ocorridos em seu processo constitutivo. Haveria uma anterioridade da pulsão com relação aos objetos? Os objetos antecedem os movimentos pulsionais? É evidente que essas perguntas não podem ser respondidas de maneira simples. Retomando a discussão empreendida anteriormente sobre as diferentes leituras da obra freudiana, e seguindo as indicações de Greenberg e Mitchell (1983), uma forma de dividir as contribuições de autores pós-freudianos (principalmente na era das escolas), seria balizar os argumentos em torno de dois grandes modelos da psique: um que acentua as fontes endógenas e tem como centro de gravidade o conceito de pulsão, e outro que toma como fulcro da vida psíquica as relações com outros reais – este último também conhecido como “teoria das relações de objeto”. É interessante notar, conforme aponta Gurfinkel (2017), que, se o texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/ 2016) foi, por um lado, o ápice do modelo pulsional, posto que é justamente nele em que Freud circunscreve o conceito de pulsão, por outro foi a partir das considerações sobre o desenvolvimento psicossocial, apresentadas sobretudo nesse texto, que autores como Abraham e Ferenczi abriram espaço para uma perspectiva que veio a constituir, mais

à frente, na perspectiva das relações de objeto. Os dois psicanalistas que nos aprofundaremos (Lacan e Winnicott) comportam em suas teorias linhas de continuidade e ruptura em relação ao chamado campo das relações de objeto. Isso porque, além da intenção implícita em Winnicott e explícita em Lacan, de ultrapassar certas estabilidades da concepção freudiana de objeto que guarda restos da noção clássica da teoria da representação presentes na teoria pulsional, ambos circunscrevem uma dimensão paradoxal no que concerne ao binômio externo/interno que caracteriza os conceitos de objeto a e objeto transicional.

No *Seminário 15* (Lacan, 1967-1968), a vinculação do objeto a ao objeto transicional é explicitamente declarada por Lacan, acompanhada de um forte reconhecimento do trabalho do psicanalista inglês. Seria possível, inclusive, formular um questionamento em relação à influência que esse conceito teve no desenvolvimento do ensino de Lacan – é interessante lembrar que este último foi quem traduziu o texto “Objetos e fenômenos transicionais” (Winnicott, 1971/1975) para o francês. As cartas trocadas entre os dois autores sobre esse assunto, por sua vez, datam justamente do ano em que foi formulado o conceito de objeto a (Lacan, 1960-1961/1992). Haveria uma influência de Winnicott na conceituação do objeto a? Talvez não seja possível responder a essa pergunta, mas traçar pontos de encontro e desencontro entre essas duas concepções de objeto, que consiste em um exercício interessante no sentido de fazer conversar correntes importantes da psicanálise nos dias de hoje.

LACAN E O OBJETO A

Para circunscrever determinados aspectos da concepção de objeto no ensino de Lacan, é preciso levar em conta de saída que a valorização do tema da relação de objeto pelos pós-freudianos foi um dos alvos principais de seus questionamentos. Neste contexto, uma crítica à determinada concepção do desenvolvimento psicosssexual e de objeto, articulada ao estatuto concebido ao ego, são pontos indissociáveis da denúncia de práticas institucionais e de formação de analistas preconizadas pela IPA, principalmente após a morte de Freud. Trata-se, portanto, de uma questão que contempla uma dimensão institucional, clínica, mas também metapsicológica.

É justamente nesse contexto que Lacan vai elencar a falta como eixo central de sua noção de objeto – perspectiva que mais tarde culminará na elaboração do conceito de objeto a. Antes de adentrar na formulação do objeto a propriamente dito, cabe destacar que a discussão sobre o estágio do espelho, concebida sobretudo e no texto “O estágio do espelho como formador da função do Eu [je]” (Lacan, 1949/1998), tem uma função fundamental: instituir o campo do objeto. Isso porque, nesta espécie de revisão da teoria do narcisismo de Freud, Lacan descreve como o bebê obtém por antecipação jubilatória a sensação de unificação corporal através de sua imagem no espelho, passando do autoerotismo para o narcisismo. É por meio da articulação entre o Eu e seu duplo, isto é, sua imagem especular no espelho, que se estabelece a possibilidade de circunscrever o contato entre Eu-objeto. O estágio do espelho acaba por definir algo que não se refere nem a um simples estágio, nem somente à experiência do espelho, pois o que está em jogo no final das contas é o advento da alteridade.

É, no entanto, no *Seminário Livro 4*, “A relação de objeto” (1956-1957/1995), que a dimensão da alteridade aparece com mais clareza articulada ao redimensionamento do conceito de castração. Ao lado das noções de frustração e de privação, a castração passa a ser considerada uma das categorias da falta de objeto. Ora, se o narcisismo remete à imagem especular tomada como objeto de amor, é somente a castração que pode liberar o objeto do campo narcísico. A castração é um corte que cinde o vínculo imaginário e o narcisismo, instaurando a falta do objeto entre os dois elementos ideais da relação de objeto – um terceiro. O que está em jogo é uma falta lógica proveniente de uma suposta completude que nunca existiu, conduzindo-nos, por sua vez, a alguma coisa que sempre faltará. Trata-se, portanto, de um movimento de alienação e separação, que marca a interseção entre dois conjuntos pelo que falta neles: a falta do sujeito reencontra a falta do Outro. O Outro barrado está, portanto, na causa da separação.

É, todavia, somente no *Seminário 10* (Lacan, 1962-1963/2005) sobre a angústia que o objeto vai receber efetivamente um *status* singular na psicanálise. Seguindo as indicações de Fernanda e Renata Costa-Moura (2011), ao designar o objeto de que se trata em psicanálise como objeto a, Lacan reconhece a dificuldade de se referir a este no quadro usual das relações sujeito/objeto. A complexidade entre interioridade e

exterioridade fica evidente. O objeto não pode ser análogo ao objeto do conhecimento ou a um objeto subjetivo – o objeto a é externo a toda definição possível da objetividade. De acordo com Klatau (2002), Lacan desloca-se da noção de objeto enquanto falta de objeto, para a concepção de objeto a enquanto nome da falta de objeto.

A falta do objeto, se faz falta, sendo a manifestação mais gritante, é o sinal da intervenção do objeto a no campo do sujeito, a angústia. Se, para Freud, a angústia sinaliza a iminência dessas perdas, para Lacan (1962-1963/2005), a angústia não é sem objeto e demarca o momento da aparição do objeto a. Dois lados da moeda, posto que é justamente nesse Seminário que se consolida o estatuto do objeto a como causa do desejo. O objeto, portanto, não pode ser considerado como fim, mas como causa – causa articulada à falta. A questão da causa também se coloca no que concerne ao processo de análise. O objeto a, enquanto causa, deixa entrever a estrutura do discurso analítico marcada por sua descentralização em relação ao sentido. Isso porque, no discurso do analista, o objeto a, nesse caso como objeto causa do desejo, ocupará o lugar de agente, o que aponta para que o analista desempenhe a função de pura condição desejante e interrogue o sujeito em sua divisão. Dessa forma, desloca-se de uma posição didática ou mesmo estritamente interpretativa, na medida em que ao analista não cabe a função de ensinar, de dar sentido ou significação ao texto do analisante.

Diante desse quadro, ao questionar a teoria sobre as relações de objeto vigente no momento, Lacan desloca o lugar do objeto parcial, retirando-o de uma posição idealista (que coloca o objeto fora do sujeito) ou subjetivista (que circunscreve esse objeto como uma representação mental). É interessante que Winnicott é citado nessa empreitada, mais especificamente seu conceito de objeto transicional. Como representante do *Middle Group*, Winnicott, apesar de ter sido supervisionado por Melanie Klein, possui uma forma de pensamento e de concepção clínica própria, sendo a noção de objeto, mais especificamente de objeto transicional, um ponto importante e que, salvo certas diferenças, possui algumas semelhanças com o objeto a.

Há uma espécie de hiância, uma terceira dimensão paradoxal que se coloca de forma diferente para os dois autores. Apesar disso, ao citar Winnicott, Lacan aponta que este faz um uso equivocado da noção de

realidade ao substituir o princípio de prazer e o princípio de realidade por atores ideais – tais como a mãe suficientemente boa. Para Lacan, esses atores ideais não deixam espaço para a falta de objeto (Lacan, 1960/2005). Ora, estariam os dois autores apoiados na mesma perspectiva? Quais seriam as semelhanças, as diferenças entre eles? Para melhor encaminhar essas questões, faz-se importante fazer uma incursão na definição de objeto transicional de Winnicott.

WINNICOTT E O OBJETO TRANSICIONAL

Para delinear melhor as figuras de objeto na perspectiva de Winnicott, é interessante remeter a uma frase (que por vezes parece se aproximar do estilo de Lacan): “o bebê não existe” (Winnicott, 1964/2020). Isso porque, segundo Winnicott, o bebê só pode ser concebido a partir do meio e, mais especificamente, da relação com a mãe. De saída, é possível entrever uma diferença na forma em que Lacan e Winnicott concebem a alteridade – ambos reconhecem a importância da presença do outro de formas distintas. Enquanto Lacan delineia uma dimensão da intersubjetividade calcada na presença maciça da alteridade caracterizada pela falta, Winnicott, conforme veremos adiante, parte de uma espécie de mistura heterogênea, que Coelho Jr. e Figueiredo (2004) circunscreveram como intersubjetividade intrapsíquica. Ao invés de redefinir a pulsão, este último prefere introduzir a alteridade na constituição do sujeito a partir de uma área não pulsional da experiência. Não é a falta o ponto de partida que caracteriza o objeto, mas a dupla acepção de ilusão e *holding* experimentada pelo bebê em conjunção com o ambiente. Segundo Souza (2002), Winnicott parte das qualidades objetais necessárias para a constituição do solo, a partir do qual a própria noção de falta pode se instaurar. Isso porque, dessa perspectiva, é apenas a possibilidade de se iludir e se acreditar criador onipotente do objeto que permite a construção de um objeto subjetivo e a ausência do objeto externo.

Como o nosso enfoque está no objeto, em Winnicott, esta noção pode ser dividida em três dimensões: objeto subjetivo, objeto transicional e uso do objeto. Trata-se de um caminho¹ do objeto subjetivo ao uso do objeto – a noção de objeto em Winnicott se articula à formação e

à evolução do termo *self*. No texto “O desenvolvimento emocional primitivo” (Winnicott, 1945/2011), postula-se um estado inicial de indiferenciação entre Eu e não Eu, cuja unidade não é o bebê, mas o conjunto ambiente-indivíduo. Nas suas palavras, “em grande parte ela [a mãe] é o bebê e o bebê é ela, e não há nada de místico nisso” (Winnicott, 1966/2020, p. 26). O bebê é completamente dependente desses cuidados, ao ponto de não poder se diferenciar deles. A mãe suficientemente boa dá o seio, e sua adaptação às necessidades do bebê permite a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar: “A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato” (Winnicott, 1971/1975, p. 26). Ocorre, portanto, uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que a criança poderia conceber. O bebê percebe o seio apenas na medida em que um seio poderia ser criado – trata-se, destarte, de um objeto subjetivo, isto é, que não pode ser percebido objetivamente. O objeto subjetivo ao mesmo tempo é e não é um objeto, e é e não é subjetivo. Destaca-se, assim, de saída, a importância do paradoxo na obra desse autor.

A dimensão paradoxal fica ainda mais em evidência na discussão empreendida no âmbito de seu conceito mais original: o objeto transicional. Winnicott circunscreve uma linha de continuidade para a área de ilusão experimentada na criação do seio e na introdução da alteridade, posto que o objeto transicional está situado nessa mesma área, na área de ilusão. Para o psicanalista inglês, o ser humano se depara com o problema da relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido, de tal forma que é preciso supor uma área intermediária entre a percepção objetiva e a imaginação (“criatividade primária”), em que teríamos os objetos ou fenômenos transicionais. É somente a partir do gradual e crescente uso feito das experiências ilusórias, agenciado pela mãe, que o bebê desenvolve um fenômeno subjetivo chamado seio da mãe, que o torna capaz de entrar em contato com os objetos transicionais (Klatau, 2004).

Um dos pontos de partida mais conhecido para definir o objeto transicional consiste justamente na afirmação de que se trata da primeira possessão não-Eu. Por outro lado, é importante destacar que Winnicott não se refere ao objeto em si (ursinho, ponta do lençol), mas do uso

feito dele – uso feito pelo bebê dos processos experimentados na área de ilusão. Ao representar o seio, o objeto transicional é um símbolo da união mãe-bebê e, simultaneamente, a possibilidade de experimentar cada vez menos objetos como fenômenos subjetivos e cada vez mais a realidade externa. O objeto transicional não é, portanto, um objeto interno (que é um conceito mental), tampouco é um objeto externo para o bebê; ele não está sob o controle onipotente como o objeto interno e não está fora como o objeto externo. Outro paradoxo consiste no fato de que, ao mesmo tempo em que o objeto transicional designa o início da construção fantasmática, ele introduz o processo de distinção entre fantasia e realidade que, finalmente, resulta na separação entre Eu e não-Eu. Trata-se, portanto, ao mesmo tempo, de um esteio para a possibilidade de desilusão, da capacidade de tolerar a frustração e a aceitação da realidade. O objeto transicional é, nesse sentido, um introdutor da ideia de *self*; que é forjado por uma ilusão, por uma área intermediária entre o que é subjetivamente concebido e objetivamente percebido, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste de realidade. Lacan, em carta para Winnicott (2017) sobre o objeto transicional, se pergunta se não seria este o lugar onde se mostra precocemente a distinção entre desejo e necessidade.

Muito embora Winnicott não forneça o estatuto de fundador da dimensão do desejo ao objeto transicional, seu herdeiro, o espaço potencial fornece um caminho para essa articulação. Definido principalmente em 1967 em “A localização da experiência cultural”, esse conceito possui uma relação intrínseca à criatividade. O espaço potencial não se perde ao longo da vida e consiste em uma zona na qual não é preciso distinguir o que é interno e o que provém do mundo exterior – tal como no brincar e na experiência cultural. Para Winnicott, o espaço potencial pode ser entendido como uma espécie de causa da atividade fantasmática e da busca permanente de objetos. Trata-se de um espaço-tempo no qual é possível se sentir não integrado e criativo. Ademais, ainda que não de maneira explícita por Winnicott, esse conceito é utilizado muitas vezes para pensar uma dimensão de alteridade na clínica psicanalítica, isto é, um espaço-tempo que se forma entre analista e analisando, um espaço do brincar que guarda as potencialidades criativas deste.

Ora, apesar de Winnicott não fornecer acento para a distinção entre o desejo e a necessidade, a dimensão paradoxal do espaço potencial parece andar próxima ao estatuto do desejo no ensino de Lacan. Enquanto para Winnicott o espaço potencial se articula à sobreposição de duas áreas da brincadeira, para Lacan, o objeto *a*, causa de desejo, consiste na sobreposição resultante do recobrimento de duas faltas. Logo, apesar do descentramento da objetividade do objeto e da uniformidade do sujeito, a presença maciça da falta em Lacan e da ilusão em Winnicott assinalam diferenças importantes.

Em continuidade com a experiência de ilusão de criação do mundo, o objeto transicional simboliza a falta materna, permitindo que a criança a suporte – a falta não falta, ela pode ser simbolizada. O objeto *a*, por sua vez, consiste em um objeto que não preenche a falta, mas que serve apenas para que nós a nomeemos. Da perspectiva de Lacan, a falta não pode ser “tamporada”, ela mesmo é precursora da constituição do sujeito. Apesar disso, ambas as concepções de objeto se deslocam de uma lógica subjetivista e idealista, colocando-se em uma dimensão que não é nem interna, nem externa propriamente dita – questão que traz contribuições importantes para a clínica psicanalítica contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do caminho percorrido, torna-se evidente que a concepção de objeto, partindo de Freud, passando por Lacan e Winnicott, não pode ser tomada como correlata ao objeto externo, ou seja, de uma perspectiva objetivista; nem do objeto interno, que privilegiaria uma visada subjetivista. As dimensões internas e externas se articulam como em uma banda de Moebius – o objeto, assim como o sujeito, não possui fronteiras rígidas em relação ao mundo que o circunda. Ora, priorizar uma postura que sustenta uma verdadeira herança freudiana não seria sustentar a história da psicanálise como passível de ser encerrada em uma dimensão internalista, isto é, destacada de seu tempo e espaço? Esse tipo de historiografia faz da “história da psicanálise” uma espécie de árvore genealógica que parte de Freud e se ramifica por outros autores – é interessante notar que essa marca está presente, por exemplo, na primeira

biografia de Freud feita por Ernest Jones. Um motivo importante para que Jones conquistasse o lugar de referência foi seu acesso direto ao material do arquivo de Freud (que esteve sob os cuidados de um seleto grupo composto, dentre outros, por ele e Anna Freud até os anos 1951). Essa situação começa a mudar por volta dos anos 1960, com o desenvolvimento de frentes de pesquisas independentes, sobretudo ligadas à universidade, que passam ao largo dos chamados “Arquivos Freud”.

Na contramão, a proposta de revisitar o conceito de objeto em Freud, Lacan e Winnicott teve como objetivo deixar entrever os pontos de encontro e desencontros entre esses dois grandes psicanalistas, que continuam nos inspirando nos dias de hoje. Ora, se a partir desta discussão a impossibilidade de se conceber o objeto como objetivo ou subjetivo foi destacada, a problemática da experiência analítica também deve ser pensada sob este viés. Nesse sentido, não seria possível circunscrever a experiência analítica como uma análise de uma realidade externa, pronta para ser interpretada, ou como o encontro de dois sujeitos. Diferentemente de uma perspectiva que concebe o analista como um receptáculo passivo da transferência, o qual Green (2000, 2008) chama de *one body psychology*, ou da concepção de uma relação entre sujeito e objeto (a *two bodies psychology* dos teóricos das relações objetais), as concepções de objeto que perpassam Freud, Lacan e Winnicott obrigam a pensar em um terceiro elemento na experiência analítica.

Mas qual seria o estatuto deste terceiro elemento? Ora, seja ele a falta, seja ele o espaço potencial, ambos comportam uma espécie de ausência que permite engendrar um caminho, distanciando-se da sua repetição. Por outro lado, seria possível afirmar que uma diferença fundamental entre Lacan e Winnicott, articulada à noção de objeto, consiste justamente no lugar da falta, posto que – enquanto Winnicott vislumbra uma espécie de possibilidade de reparação, em Lacan, o analista como semblante do objeto a reitera que a falta é constitutiva e não pode ser “reparada” – a psicanálise não serviria para restituir nada. A ética do desejo se aproxima de uma ética trágica que afirma a angústia e o desejo como dois lados da mesma moeda. Já para Winnicott, o *holding* na situação analítica e o conceito de regressão permitem a concepção da análise como constituição de um espaço em que o sujeito pode experimentar aquilo que não o pôde

anteriormente – isto é, a dependência do objeto, a constituição de um objeto subjetivo, a experimentação de uma área de ilusão e a possibilidade de usar o objeto, isto é, um novo começo. No entanto, a aproximação da noção de objeto a ao real, realizada no final da obra de Lacan, foi ancorada, sobretudo, no conceito de *sinthoma* (Lacan, 2007). O *sinthoma* não é uma formação do inconsciente simbólico, mas remete justamente ao real. Apoiado na literatura de Joyce, Lacan (2007) se desloca da centralidade do nome-do-pai para conceber outras formas de amarrações da sua tríade simbólico, imaginário e real. O *sinthoma*, na pluralidade de nomes dos pais, é o modo pelo qual cada sujeito dá um contorno singular para o gozo. Nesse sentido, se o sintoma poderia ser considerado, em determinado momento na obra freudiana, como um signo que deve ser interpretado, com o conceito de *sinthoma* Lacan mostra que o gozo é sua centralidade. É interessante notar que alguns aspectos engendrados pela clínica contemporânea deixam entrever deslocamentos que acabam por aproximar essas duas perspectivas clínicas. Um ponto de convergência aponta que os sofrimentos contemporâneos, ancorados muitas vezes na dimensão da corporeidade, implicam o deslocamento de uma posição interpretativa para a importância de considerar as articulações singulares do sujeito no laço social.

Nessa direção, a dimensão de exterioridade, tanto do objeto a quanto do objeto transicional e seu herdeiro espaço potencial, revela a impossibilidade de uma dimensão solipsista do sujeito, isto é, de um sujeito centrado em si, universal e destacado do mundo. Se o objeto não pode ser objetivo, o sujeito tampouco o é: trata-se de pensar uma psicanálise afeita ao múltiplo e ancorada na dimensão social. É evidente que tomar uma destas leituras como a verdadeira vai na contramão desse intuito, posto que retira a psicanálise e a história da psicanálise de seu próprio contexto. Talvez, ao nos sentirmos mais impelidos a cotejar as diferenças e semelhanças entre grandes autores da psicanálise, sem precisar realizar uma inflexão soberana, deixemos de contribuir para a compulsão à repetição de exclusão do movimento psicanalítico e podemos recontar sua história levando em consideração os restos que deixamos no caminho.

REFERÊNCIAS

- Abraham, K. (1924/1980). *Psicoanálisis clínico*. Buenos Aires: Ediciones Hormé.
- Birman, J. (2014). Os paradigmas em psicanálise. In Birman, J., Kupermann, D., & Fulgêncio, L. (Orgs.), *A fabricação do humano: psicanálise, subjetivação e cultura*. São Paulo: Zagodoni.
- Coelho Jr., N. E. (2001). A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4(2), 37-49.
- Coelho Jr., N. E., & Figueiredo, L. C. (2004). Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. *Interações*, 9(17), 9-28.
- Compton, A. (1986). Freud: Objects and Structure. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 34(3), 561-590.
- Costa-Moura, F., & Costa-Moura, R. (2011). Objeto A: ética e estrutura. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 14(2).
- Figueiredo, L. C. M. (1999). Psicanálise e Brasil: Considerações acerca do sintoma social brasileiro. In Souza, E. A. (Org.), *Psicanálise e Colonização*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Freud, S. (1996). A história do movimento psicanalítico. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2011). *Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 1917).
- Freud, S. (1990). Projeto para uma Psicologia Científica. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). In: *Obras completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). O Eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). In *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). In *Obras completas* (Vol. 9). São Paulo: Companhia das Letras.

- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). In *Obras completas* (Vol. 17). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). In *Obras completas* (Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras.
- Green, A. (2017). *A loucura privada: Psicanálise de casos-limite*. São Paulo: Escuta.
- Green, A. (2000). The intrapsychic and intersubjective in psychoanalysis. *The Psychoanalytic Quarterly*, 69(1), 1–39.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1983). *Object Relations in Psychoanalytic Theory*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gurfinkel, D. (2017). *Relações de objeto*. São Paulo: Blucher.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7–41.
- Klatau, P. (2002). *Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan*. São Paulo: Escuta.
- Klein, M. (1932). *Die Psychoanalyse des Kindes*. Viena: Internationaler psychoanalytischer Verlag.
- Kupermann, D. (2020). *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições* (3ª ed.). São Paulo: Zagodoni.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1960-1961).
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do Eu. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1949).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1956-1957).
- Lacan, J. (2005). Carta de Jacques Lacan a Donald W. Winnicott: 05 de agosto de 1960. *Natureza Humana*, 7(2), 471-475.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1962-1963).
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: O sintoma* (A. Telles, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976).

- Lacan, J. (s.d.). *O seminário, livro 15: o ato psicanalítico 1967-1968*. (versão anônima)
- Merea, C. (1994). Os conceitos de objeto na obra de Freud. In W. Baranger. (Org.), *Contribuições ao conceito de objeto em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção* (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1945).
- Merleau-Ponty, M. (1992). *O visível e o invisível* (A. Gianotti & A. Mora, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1964).
- Mezan, R. (2019). *O tronco e os ramos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Miller, J.-A. (1999). *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Winnicott, D. W. (2011). Primitive emotional development. In: Caldwell, L. & Joyce, A. (Eds.), *Reading Winnicott*. East Sussex: Routledge. (Obra original publicada em 1945).
- Winnicott, D. W. (2020). O recém-nascido e sua mãe. In *A mãe dedicada comum* (B. Longhi, Trad.). São Paulo: Ubu. (Obra original publicada em 1966).
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. de Aguiar Abreu & V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1971).
- Winnicott, D. W. (2020). O recém-nascido e sua mãe. In *Bebês e suas mães* (B. Longhi, Trad.). São Paulo: Ubu. (Obra original publicada em 1964).
- Winnicott, D. W. (2017). *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes.

NOTAS

- ¹ É interessante notar que a temporalidade em Winnicott guarda uma diferença importante em relação a Lacan; enquanto neste prevalece a ideia de corte, de cisão, em Winnicott a dimensão do tempo é sobretudo processual, mas não progressiva, posto que a possibilidade de regressão e de experimentação desses outros modos está sempre posta.